

MACABÉA E O ESCÂNDALO DO MAL

Suzi Frankl *SPERBER*¹

Macabéa é personagem pobre. Nada tem: nem afetos, nem algo mais do que o mínimo do mínimo; come mal, é muito magra e um médico diagnostica sua tuberculose. Ao fim da *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, morre atropelada, largada na sarjeta sem ser ajudada por ninguém.

Boa parte da narrativa é de descrição desta pobreza de todos os níveis. A partir de um momento Macabéa conhece Olímpico e aí poderia começar sua aventura. Ele é olímpico, i.e., cheio de si, malcriado, grosseiro, ambicioso. Esconde sua ignorância e seus grandes limites. Ele conhece Glória, colega de Macabéa, e passa a namorá-la, ferindo cruelmente o brio de Macabéa com palavras e com sua ação. A partir daí começa a mais evidente dor de Macabéa. Ainda assim, ela tem uma gratificaçãozinha ao ser convidada por Glória para comer em sua casa. Come demais – ela, que não estava acostumada a comer quase nada e se alimentava mal. Passa mal, vomita, vai a um médico e é então que ele descobre que ela tem tuberculose. Macabéa não se impressiona. Glória se sente culpada por ter roubado o namorado de Macabéa e decide dar-lhe dinheiro para que ela vá a uma cartomante. A cartomante lhe dá esperança de alegria, belo amor e até riqueza: uma mudança radical na vida de Macabéa. Tão logo sai da cartomante, Macabéa é atropelada. Este é o final, porém não tão rápido quanto esta constatação. Durante o tempo que precede sua morte há todo um *pathos*, e este, sim, culmina com a morte. Os momentos que precedem a morte interessam porque o narrador tece considerações filosóficas – e também emocionais – de uma forma que poderia evocar forte comoção no leitor. Tanto assim que o narrador pergunta: “O final foi bastante grandiloquente para a vossa necessidade?” Não, a morte em si não foi grandiloquente, mas as palavras que intermedeiam o atropelamento de Macabéa e o instante do último suspiro, sim. Grandiloquente seria a história desta miséria radical – do mal absoluto que afeta a vida de Macabéa. A narrativa segue duas das três formas de argumentação da retórica, tal como distinguida por Aristóteles (2003, p. 37):

- argumentação baseada no caráter do orador (*ethos*);

¹ UNICAMP.

- argumentação baseada no estado emocional do auditório (*pathos*);
- argumentação baseada nos argumentos propriamente ditos (*logos*).

Os argumentos convincentes para revelar as características desta criatura ímpar que é Macabéa, ímpar na sua insignificância, são, no caso, de um discurso de dois tipos: 1) funda-se no caráter de quem fala (Rodrigo S. M.²); 2) e no próprio discurso, através da prova ou aparência de prova.

A prova é culminada com os momentos anteriores ao fim propriamente dito. Este prolongado momento final instaura um novo começo, de esperança e de abertura para o futuro, para Macabéa: “Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. (HE, p. 95)”, e para Rodrigo, narrador, e leitores: Sim. (HE, p. 104).

Uma reflexão de Paul Ricoeur sobre o mal caberia para compreendermos por que e como surge esta abertura para o futuro em uma Macabéa tão parca e aparentemente rasa:

[...] o que é, então, pensar para a frente, em direção ao futuro, com o preço do silêncio sobre o que está antes, sobre a origem? É, antes de tudo, [...] manter o mal na dimensão prática. O mal, ainda uma vez mais, é aquilo contra o qual nós lutamos; nesse sentido, não temos outra relação com o mal a não ser esta relação de “contra”. O mal é o que não deveria ser, mas do qual não podemos dizer por que é que é. É o não dever-ser. (RICOEUR, 1988, p. 57 e p. 62)

Macabéa é atropelada, e ainda prossegue sua esperança:

Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, apenas um empurrão. (HE, p. 96)

O leitor talvez se irrite ante tanta falta de consciência de si, de seu valor, dignidade e consciência social, ante tal aceitação da vida miserável e triste. Trata-se de crítica social de Clarice? A estória é tão complexa que cabe muita matéria. A percepção (ou falta de percepção) de Macabéa prossegue, irritando mais o leitor:

Ficou inerte no canto da rua, talvez descansando das emoções, e viu entre as pedras do esgoto o ralo capim de um verde da mais tenra esperança humana. (HE, p. 96)

² Rodrigo S.M = Sua Majestade, Rodrigo, ou Rodrigo, substantivo masculino.

No sentido da verdade como contato interior inexplicável e irreconhecível, entendo que a narrativa tem algo do Livro de Jó, fazendo surgir uma visão ética do mundo – e uma consciência do mal como escândalo, cf. Ricoeur 1988.

Macabéa não é uma das justas (no sentido do Gênesis 6:9, porque não foi caracterizada assim), nem crente em Deus, nem religiosa. Também não é o contrário de tudo isto. Ela não se queixa, considera-se feliz e valoriza cada instantezinho de nova alegria e de descobertas (explosões). Atropelada e caída na sarjeta, pensa:

Prestou de repente um pouco de atenção para si mesma. O que estava acontecendo era um surdo terremoto? Tinha-se aberto em fendas a terra de Alagoas. Fixava, só por fixar, o capim. Capim na grande Cidade do Rio de Janeiro. À toa. Quem sabe se Macabéa já teria alguma vez sentido que também ela era à-toa na cidade inconquistável. O Destino havia escolhido para ela um beco no escuro e uma sarjeta. Ela sofria? Acho que sim. Como uma galinha de pescoço mal cortado que corre espavorida pingando sangue. Só que a galinha foge — como se foge da dor — em cacarejos apavorados. E Macabéa lutava muda. (HE, p. 97)

Diante de tal sofrimento e silêncio cabe a pergunta: como é possível que uma criatura tão ingênua e dócil sofra tanto, alguém que nada cobra da vida, dos outros, de Deus, que não se queixa, nem tem inveja, nem faz mal aos outros? Pergunta paralela é feita no *Livro de Jó*. Em Jó existe em um momento uma vinculação da mácula com o sofrimento. Na tentativa de racionalização do mal, no *Livro de Jó*, pensar-se-ia que aquele que sofre, adocece, fracassa e/ou morre pecou. Qual o pecado de Macabéa?

Enquanto isso, Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa, como se chegasse a si mesma.

Este é um melodrama? O que sei é que melodrama era o ápice de sua vida, todas as vidas são uma arte e a dela tendia para o grande choro insopitável como chuva e raios. (HE, p. 98)

Só sabemos do sofrimento, miséria física, econômica, social de Macabéa. Seria esta trama um melodrama ou uma tragédia? Há algo de trágico, sem dúvida, ainda que o tratamento dado a estas cenas tenha mais de melodramático. (Haveria algo de cômico? Vilma Áreas considera que sim).

O relato prossegue falando de Macabéa, mas o narrador, identificado com ela, passa por uma ascese:

Macabéa, Ave Maria, cheia de graça, terra serena da promessa, terra do perdão, tem que chegar o tempo, ora pro nobis, e eu me uso como forma de conhecimento. Eu te conheço até o osso por intermédio de uma encantação que vem de mim para ti. Espraiar-se selvagememente e no entanto atrás de tudo pulsa uma geometria inflexível. Macabéa lembrou-se do cais do porto. O cais chegava ao coração de sua vida. (HE, p. 99)

Meu fôlego me leva a Deus? Estou tão puro que nada sei. Só uma coisa eu sei: não preciso ter piedade de Deus. Ou preciso? (HE, p. 100)

A trajetória em direção a Deus é feita tanto por Macabéa, como por Rodrigo:

Ela se abraçava a si mesma com vontade do doce nada. Era uma maldita e não sabia. Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá. (HE, p. 100-1)

Um gosto suave, arrepiante, gélido e agudo como no amor. Seria esta a graça a que vós chamais de Deus? Sim? (HE, p. 101)

Rodrigo-Clarice, este narrador hermafrodita, acompanha em detalhes a trajetória simbólica, interior, sutil, apenas percebida por Rodrigo:

Aí Macabéa disse uma frase que nenhum dos transeuntes entendeu. Disse bem pronunciado e claro:

— Quanto ao futuro.

Terá tido ela saudade do futuro? Ouço a música antiga de palavras e palavras, sim, é assim. Nesta hora exata Macabéa sente um fundo enjôo de estômago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas. (HE, p. 102)

A estrela de mil pontas vomitada por Macabéa simboliza o encontro com Deus; representa sua ressurreição – sua nova vida (pois não é anunciado o poema sinfônico de Richard Strauss *Morte e Transfiguração* [*Tod und Verklärung*] no início do relato?)

Confirmada a miséria de Macabéa e a sua caminhada para Deus, vale retomar a comparação com Jó.

Para Ricoeur (1994, p. 193), o que Jó descobre é o Deus trágico. Por essa via, para além de qualquer visão ética, Jó tem acesso a uma nova dimensão da fé, fé diante do injustificável e do inverificável. Paralelamente, por conta de, e apesar de sua não-ciência, Macabéa em momento algum fala mal de Deus. Ela tem uma teologia trágica implícita – não explica sua existência dura, não procura razões para o sofrimento, nem tem necessidade de qualquer explicação racional de Deus. Macabéa não se vê coitada, penalizada, vitimizada, valorizando uma teodiceia, esta doutrina de Leibniz que procura

conciliar bondade e onipotência divinas com a existência do mal no mundo. O sentimento trágico do Livro de Jó é de um trágico que refrata, e que, portanto, analisa a alegria carregada e evidenciada por uma "afirmação" mais originária que todo o trágico. Para que, então, o trágico? É que sem ele a alegria (que Guimarães Rosa chamaria de alegria sem motivo) seria inacessível. Existe uma relação íntima do trágico com a afirmação. A afirmação mais veemente ainda é um conflito em se tratando da morte. Tal afirmação cria pelo menos um hiato entre duas afirmações dificilmente compatíveis - a de que Macabéa sofre e morre, por um lado e, por outro, como nasce irreversivelmente outra coisa que a própria morte: o nascimento para e em Deus. Ricoeur, ao ler Kierkegaard (1963, p. 297-301), faz da desproporção entre o entendimento finito (no caso de Macabéa, o entendimento finito de sua existência sem queixas) e a vontade infinita de felicidade e alegria, ainda não a "culpa", mas uma fragilidade, uma falibilidade, a possibilidade da culpa. Nesta contradição entre a vontade finita e a infinita, nasce o pouco perceptível conflito entre o que é e o que será (conforme o que pensa Macabéa e sabemos pela frase "Quanto ao futuro"). O conflito se dará no nível das palavras e frases, com o seu duplo sentido: o da vida passada e o do desejo de vida futura. O trágico consiste em não poder tornar-se "outro" do que si mesmo, como poderia objetar Kierkegaard. Porque em um conflito trágico, a responsabilidade de cada protagonista – Macabéa e o narrador (o narrador é um verdadeiro protagonista também) – reside em que cada um responde a um apelo. Macabéa vislumbra o seu futuro e o narrador pensa em si mesmo. São dois protagonistas e dois discursos que se cruzam e atravessam a intriga precisamente no fim da existência de Macabéa, o momento que sintetiza a tragédia na vida da personagem.

Mesmo sem grandes culpas, Macabéa é humana e falha. Pede perdão, em acontecimento anterior à cena trágica da narrativa:

Macabéa, enquanto Glória saía da sala — roubou escondido um biscoito. Depois pediu perdão ao Ser abstrato que dava e tirava. Sentiu-se perdoada. O Ser a perdoava de tudo. (HE, p. 80)

Se Macabéa pedira perdão por ter roubado um biscoito, se presumiria que ela, na véspera da hora da morte, pediria perdão. Repito a citação:

Macabéa pedir perdão? Porque sempre se pede. Por quê? Resposta: é assim porque assim é. Sempre foi? Sempre será. E se não foi? Mas eu estou dizendo que é. Pois. (HE, p. 99)

Parece que o único perdão que está à altura das duas tragédias seria a de Macabéa, que luta só pela própria vida – da alma, do espírito. O narrador luta por Macabéa, mas hesita sobre crimes e culpas próprias e alheias na sua relação com Macabéa. Além disto, como saber ao certo de Macabéa se a voz e as palavras são as de Rodrigo S.M.? Eles não usam a mesma língua, não estão no mesmo mundo, sendo a história a de Macabéa – e nada sabemos de Rodrigo. Porque não há uma linguagem única que permita formular ao mesmo tempo o mal vivido e o mal provocado pelas palavras; só há perdão no frágil compromisso entre estas línguas heterogêneas. O perdão não pretende resolver a diferença, mas aceita o seu caráter insuperável. Este é o lugar de sabedoria prática.

Os momentos finais de Macabéa são de uma força, beleza e profundidade quase sem palavras, tal como capta e transmite Rodrigo:

Tanto estava viva que se mexeu devagar e acomodou o corpo em posição fetal. Grotasca como sempre fora. Aquela relutância em ceder, mas aquela vontade do grande abraço. Ela se abraçava a si mesma com vontade do doce nada. Era uma maldita e não sabia. Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá. (HE, p. 100-1)

Grotasca, maldita, em busca do “sopro de vida que Deus nos dá”, Macabéa infunde horror, nojo, desgosto e piedade. Esta ambiguidade fundamental construída pela dicção da obra entre o desejo de Rodrigo e a vida de Macabéa designa o impossível compartilhamento, no humano, do agente e do paciente, do culpado e da vítima, da criminalização e da vitimização. O trágico reside na repetição da irreversibilidade sofrida pela irreversibilidade agida pela linguagem e trama.

Foi preciso que Macabéa descobrisse a sua subjetividade (“Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou.”) para que passasse a ter uma grandeza heroica, o fundo desejo da liberdade. Graças a isto pode surgir – sem estardalhaço – a emoção trágica diante de Macabéa moribunda.

O trágico propriamente dito só aparece quando o tema da predestinação para o mal – para chamá-lo pelo nome – confina como tema da grandeza heroica. É preciso que o destino sinta primeiro a resistência da liberdade, repercuta de alguma forma sobre a dureza do herói, e, finalmente, o esmague, para que nasça a emoção trágica por excelência: o horror. O misto de piedade, nojo e horror levanta questões filosóficas a partir do olhar que vê o corpo e suas convulsões:

E havia certa sensualidade no modo como se encolhera. Ou é porque a pré-morte se parece com a intensa ânsia sensual? É que o rosto dela lembrava um esgar de desejo. As coisas são sempre vésperas e se ela não morre agora está como nós na véspera de morrer, perdoai-me lembrar-vos porque quanto a mim não me perdô a clarividência. (HE, p. 101)

Recorro a Paul Ricoeur para entender melhor:

Foi preciso que o sofrimento se tornasse totalmente absurdo e escandaloso para dissociar o mundo ético do mundo físico do sofrimento, para que o pecado acessasse um sentido propriamente espiritual, e o temor da morte espiritual se separasse da morte física, e finalmente, que o temor inerente ao pecado chegasse a ser o temor de não amar suficientemente. (RICOEUR, 2004, p. 195-6).

Macabéa aprende a se amar,

Então — ali deitada — teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte. A morte que é nesta história o meu personagem predileto. Iria ela dar adeus a si mesma? (HE, p. 101)

A obra poética realiza o trabalho de luto diante do irreparável: Rodrigo registra a vida e elabora a memória da existência de Macabéa. O narrador – a própria alteridade – rompe com o mundo comum, onde tudo é esquecido e não há perdão. O perdão abre um mundo possível, onde as coisas mudam de figura. Diz Hannah Arendt que só a capacidade de perdoar pode livrar-nos do irreversível e isto assim é porque o milagre que salva o mundo, o reino das coisas humanas, da ruína normal, natural, reside, em última instância, no fato de nascermos (ARENDR, 2001, p. 290-291³). Isto, ontologicamente, funda a capacidade de agir. Isto é, ao nascer, o novo ser, pelo fato de começar de novo, passa a ter o direito e a necessidade de agir: “a vida come a vida”.

Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci.
(A verdade é sempre um contato interior inexplicável. A verdade é irreconhecível. [...]) (HE, p. 96)

Clarice reflete sobre o problema do mal – inserido em uma sociedade desigual. “O mal [...] é aquilo contra o qual nós lutamos [...]. O mal é o que não deveria ser, mas do qual não podemos dizer porque é que é. É o não dever-ser.” (RICOEUR, 2004, p. 63)

³. Diz Hannah ARENDR que “O importante é a capacidade para começar, dado que o homem [...] é livre porque é um começo [...]” (ARENDR, 2001, p.216). Por isso, o nascimento de cada homem é a confirmação de que continuará vivo depois de morrer.

Como parte do mal, Clarice sublinha a pobreza. O resgate necessário da memória de uma Macabéa requer que se reconheça o valor deste ser, apesar de sua nenhuma posição social e de uma vida de não e de silêncios. Por isto Clarice sublinha:

Morta, os sinos badalavam mas sem que seus bronzes lhes dessem som. Agora entendo esta história. Ela é a iminência que há nos sinos que quase-quase badalam.

A grandeza de cada um. (HE, p. 103)

O mal e a pobreza são orientados para a finitude do ser-para-a-morte, porém tal como o entende Ricoeur, não em nível individual, mas como fazendo parte da temporalidade da comunidade, que inclui Rodrigo e nós, leitores: “Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas – mas eu também?!” (HE, p. 104)

Eis a razão da dificuldade de Rodrigo em entender Macabéa. Eis o motivo de Macabéa corresponder a uma cifra que a ultrapassa, incluindo de um modo talvez torto leitores e Rodrigo.

REFERÊNCIAS

ABEL, Olivier. « Ricoeur et la Question Tragique » <http://olivierabel.fr/ethique-et-politique/ricoeur-et-la-question-tragique.php>

ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. Lisboa: Relógio D'Água, 2001.

ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel Do Nascimento Pena.

Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Imprensa Nacional - Casa Da Moeda, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

Livro de Jó 1-42.

Paul RICOEUR, “Sur le tragique“, in *Lectures 3*, Paris, Seuil, 1994, pp. 187-209, p. 193.

RICOEUR, Paul. (1960). *Philosophie de la volonté II Finitude et culpabilité*, compreende *L'homme faillible* e *La symbolique du mal*, Paris: Aubier. Ambos foram recolhidos em um só volume, *Finitud y culpabilidad* (2004), Madrid: Trotta.

RICOEUR, Paul. “Le scandale du mal“, *Esprit*, 140-141, 1988, pp. 57-63. Em <http://www.esprit.presse.fr/article/ricoeur-paul/le-scandale-du-mal-12842>

RICOEUR, Paul. *Histoire et vérité*. Paris: Seuil, 1955. 2ª edição aumentada. Paris : Seuil, 1964.

RICOEUR, Paul. « Kierkegaard et le mal », in *Revue de Théologie et de Philosophie* 13 (1963), pp. 292-302 Em file:///C:/Users/Usuario/Downloads/rtp-003_1963_13__408_d.pdf

RICOEUR, Paul. *Philosophie de la Volonté: Finitude et Culpabilité, II: La Symbolique du Mal*. Paris : Aubier-Montaigne, 1960.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Trad. Constança Marcondes César. Campinas-SP: Papyrus, 1994.